

## **Semana Santa online?**

### **Modos de presença da Igreja Católica na pandemia**

Arnaldo Rodrigues, Gilliard Zuque da Fonseca e Rafael Alberto Alves dos Santos

#### **Abstract**

The validity of following Mass on TV and radio has been a matter of debate among theologians from the beginning. Catholic tradition considers the communal aspect of faith as essential, as is the reception of the sacraments in person. Throughout history, masses offered by the media have only been available to the faithful who are unable to be physically present in church (hospitalised, imprisoned, etc.). The outbreak of the pandemic broke the regularity of face-to-face celebrations. The present study aims to deduce the strategies of occupation of the digital space by the Church during this period. From a corpus of documents issued by the Vatican and two dioceses located in large cities (Rio de Janeiro and Rome), the research aims to deduce the values with which the Church redefined, during Holy Week, the relations of the faithful with the limits of the sacred space reconfigured in the digital. In a simulacrum of interaction, the internet user and the priest experience new spatialities, new forms of temporality and online actuality.

#### **1. Introdução**

A necessidade de afastamento social para conter a disseminação do novo coronavírus impôs restrições a circulação de pessoas no mundo inteiro e reconfigurou os espaços públicos de convivência. Afetada diretamente pelas regras da quarentena, inclusive com templos fechados em algumas cidades, a Igreja Católica viu-se diante de alguns dilemas. Diferentemente do que acontece para os adeptos de outras tradições religiosas em que a experiência individual da fé basta para que se cumpram os preceitos da instituição, entre os batizados católicos a experiência comunitária da vivência religiosa é constitutiva da própria fé e o componente presencial dos sacramentos, por exemplo, é irreproduzível no formato online. Foi diante de tais desafios que se realizou a Semana Santa em 2020. Ponto mais importante do calendário católico, a Semana Santa é composta por uma série de celebrações que propõem aos fiéis reviver o sacrifício de Jesus Cristo, da sua morte até a sua ressurreição. Como tais celebrações foram propostas no modelo remoto? A partir, sobretudo, dos conceitos de presença e interação de Landowski (2004, 2014), o presente artigo analisa as estratégias discursivas usadas por padres brasileiros e italianos na readequação dos ritos para a transmissão online.

#### **2. Fé comunitária e Semana Santa – o estético na experiência religiosa**

A celebração eucarística é o rito mais importante da Igreja Católica. É na missa que o fiel acolhe a Palavra de Deus (liturgia da Palavra), compartilha seus bens com a comunidade (ofertório) e entra em comunhão carnal com Jesus Cristo (liturgia eucarística). Programa de toda missa, tal percurso apresenta-se com uma série de elementos expressivos – a própria materialidade do templo em que se celebra a missa, sua arquitetura pouco usual, mas também as cores dos paramentos do padre que preside o ato, a disposição dos bancos que privilegia um contato corpo a corpo entre os fiéis que participam da celebração. Todos esses elementos contêm uma camada inteligível de leitura, *tem* um sentido, mas também concorrem para um *sentido* que se *faz* no ato mesmo da celebração. Essa oposição entre *ter* e *fazer* sentido é proposta por Landowski (1996) e nos ajuda a compreender os modos possíveis de interação entre sujeitos e objetos, mas também entre sujeitos e sujeitos. De um lado, o do ter



sentido, a interação é mediada pela inteligibilidade, enquanto no outro, no lado do fazer sentido, a mediação é pela sensibilidade.

Como conjunto significativo, a missa tem, portanto, as duas possibilidades de interação. Inteligivelmente, o fiel faz a leitura da figuratividade que compõe o ritual religioso e, na uniformidade de tais celebrações, se projeta o efeito de sentido da tradição católica. É pela sensibilidade que esse mesmo fiel pode, no ato mesmo do rito, ressignificar gestos ao interagir face a face com o mistério da missa – concretizado no templo que se impõe como corpo e na relação os outros fiéis que, com ele, formam um único outro corpo. A tradição católica valoriza muito essa experiência comunitária da fé, que remonta à experiência dos próprios apóstolos que viviam com Jesus.

Na celebração eucarística, o momento central é o da transubstanciação. Nele, o sacerdote profere a fórmula de uma oração que transforma a substância da hóstia em corpo e a substância do vinho em sangue de Jesus. Para os fiéis, portanto, não se trata de uma representação simbólica. Pão e vinho são, de fato, corpo e sangue de Cristo. Ao comungar, o fiel une-se integralmente a Jesus. É o ponto alto da celebração, irreproduzível no formato online. Missas são transmitidas pelos meios de comunicação social muito antes das restrições sociais da pandemia – pelo rádio, pela TV e, mais recentemente, pelas redes sociais. E a validade de tais celebrações sempre foi objeto de controvérsias. Atualmente, o consenso é o de que tais celebrações pelas diferentes mídias não substituem a missa presencial e podem ser oferecidas apenas em casos excepcionais para fins de evangelização e pastoral.

Contendo as mais importantes celebrações do calendário litúrgico, a Semana Santa tem elementos próprios, alguns ligados a experiências da religiosidade popular, que dificultam ainda mais a reprodutibilidade de tais missas no ambiente virtual. A Semana Santa tem início no Domingo de Ramos, em que os fiéis recordam a chegada de Jesus a Jerusalém. Para marcar tal fato, as missas desse dia geralmente começam na área externa do templo, com os fiéis empunhando ramos de oliveira. Após a leitura do evangelho<sup>1</sup> que narra todo o percurso do martírio, morte e ressurreição de Jesus como indicativo do que será celebrado ao longo daquela Semana, os fiéis realizam uma pequena procissão balançando os ramos com os braços levantados. Os dias que se seguem são considerados pelos católicos como os mais importantes na vivência de sua fé e, apesar de não terem celebrações específicas, as segundas, terças e quartas-feiras da Semana Santa são postas como convite à oração, à vivência comunitária e à conscientização religiosa e também social.

Na quinta-feira, tem-se início o Tríduo Pascal – momento central da Semana Santa. O Tríduo começa com a celebração da instituição da eucaristia, em missas que recordam o gesto de Jesus de lavar os pés dos discípulos. Geralmente, são escolhidos fiéis e agentes de pastoral de cada comunidade para representarem o papel dos discípulos, que tem os pés lavados pelo padre que preside a missa. Na sexta-feira santa, não há celebração da missa. A Celebração da Cruz, realizada sempre às 15h, recorda a morte de Jesus. O gesto marcante dessa celebração é a exposição e veneração de um crucifixo. Além disso, em muitas comunidades existe o costume de serem realizadas procissões em que os fiéis carregam imagens do Cristo morto e repetem as estações da Via Sacra. No sábado santo, realiza-se a Vigília Pascal. Como no Domingo de Ramos, a celebração da vigília geralmente tem início numa área externa da igreja, onde o padre acende o Círio Pascal – vela grande que simboliza o Cristo ressuscitado.

Como se pode perceber, a Semana Santa é composta por uma série de celebrações que contem ritos e gestos que se projetam inteligível e sensivelmente. O sentido de participação em tais celebrações, em que a presença física dos fiéis possibilita a instalação de efeitos característicos, constituiu-se como elemento fundamental da identidade do religioso católico. A imposição de restrições de circulação social como medida para conter a transmissão do novo coronavírus impediu, em muitos países, a participação presencial dos fiéis nas celebrações da Semana Santa em 2020. Sem possibilidade de sair as ruas e praças balançando seus ramos como projeção de um testemunho público da fé, sem poder ter seus pés lavados – ou ver-se representado nos pés lavados de um conhecido –, sem poder tocar e beijar a cruz ou participar das procissões da via sacra, como os fiéis celebraram a Semana Santa na pandemia? Como se reconfiguraram os espaços celebrativos, que tem um papel central na

---

<sup>1</sup> Evangelho de Mateus, capítulo 21, versículos de 1 a 11



espiritualidade católica, nas restrições das telas de computador e celular? Abordaremos tais questões na perspectiva dos padres e de suas estratégias na condução das celebrações remotas, sem a presença pública dos fiéis.

### 3. Modos de presença da Igreja na Semana Santa durante a pandemia

O coronavírus se impôs como antissujeito em diferentes âmbitos da vivência humana. Do ponto de vista religioso, além de motivar atitudes de reflexão sobre a própria fé e o modo de relacionar-se com Deus, a pandemia impossibilitou a participação dos fiéis nas celebrações presenciais. Entre os católicos, no período mais crítico da pandemia, muitas igrejas tiveram suas portas fechadas pela imposição de decretos e decisões judiciais. O período da Semana Santa 2020 coincidiu com esse momento de maiores restrições a atividades que costumam causar aglomerações. Rapidamente, padres migraram sobretudo para as redes sociais e passaram a transmitir as missas como meio de manter um vínculo mínimo com os fiéis impedidos de frequentar as igrejas. No presente estudo, analisamos as missas da Semana Santa (domingo de Ramos, Ceia do Senhor com lava-pés, Adoração da Cruz, Vigília Pascal e domingo de Páscoa) transmitidas nas páginas de Facebook de três paróquias brasileiras – Paróquia São Rafael Arcanjo<sup>2</sup>, São Brás<sup>3</sup> e Bom Jesus da Penha<sup>4</sup> – localizadas na cidade do Rio de Janeiro e de três paróquias italianas – Parrocchia della Trasfigurazione<sup>5</sup>, Santo Ambrogio<sup>6</sup> e San Vigilio<sup>7</sup> – da cidade de Roma.

Como primeira conclusão, que frustrou a hipótese inicial desta pesquisa, viu-se que as diferenças culturais entre brasileiros e italianos não foram significativas na condução das readaptações das missas para o modo remoto. Tanto no Brasil quanto na Itália, é possível encontrar desde padres que simplesmente seguiram celebrando sem levar em consideração a presença de um fiel assistindo a missa pelas redes sociais até os que transformaram a celebração em um programa produzido especialmente para ser transmitido. Vejamos a seguir as marcas discursivas que diferenciam tais estratégias.

#### 3.1. Entre programações e acidentes

Para Landowski (2014), o sentido se constrói pela interação e ele propõe um modelo que amplia o nível narrativo ao refletir sobre as condições dessa interação entre sujeitos e objetos e sujeitos e sujeitos. No prefácio da edição brasileira de “Interações Arriscadas”, José Luiz Fiorin afirma que o semiótico “[...] alarga exponencialmente as condições de aplicabilidade da teoria narrativa” (Fiorin, 2014, p.9). Partindo das noções de manipulação e programação previstas no esquema narrativo de Greimas, Landowski introduz os regimes de acidente e ajustamento. Fiorin explica que:

A programação é o modelo em que o estado resultante da transformação é o efeito de uma causa. A manipulação é o modelo em que se transformam “estados de alma”, em que se busca, essencialmente por intermédio da persuasão, motivar alguém a agir de uma determinada maneira. O acidente (o acaso) é o modelo que descreve acontecimentos que, por sua própria natureza, escapam a qualquer determinação. O ajustamento é o modelo em que os parceiros da interação, sentindo a maneira de agir um do outro, vão construindo *in fieri* os princípios da relação. (Fiorin 2014, p.9)

Cada um dos regimes é regido por um princípio – para a programação, o princípio é o da regularidade, para o acidente, o da aleatoriedade; para a manipulação, o da intencionalidade, e para o ajustamento, o da sensibilidade. Além disso, a articulação entre os regimes se dá por meio de uma espécie de gestão dos riscos envolvidos em cada interação. Na programação, o risco é quase nulo. Na manipulação, há um risco controlado. No ajustamento, o risco é maior, enquanto no acidente, o risco é total. Essa gestão dos riscos projeta, também, efeitos de sentido – no risco nulo da programação e no

<sup>2</sup> Página disponível em [www.facebook.com/ParoquiaSaoRafaelArcanjo](http://www.facebook.com/ParoquiaSaoRafaelArcanjo). Acesso em: 13 jan. 2021.

<sup>3</sup> Página disponível em [www.facebook.com/paroquiasaobrasmadureira](http://www.facebook.com/paroquiasaobrasmadureira). Acesso em: 13 jan. 2021.

<sup>4</sup> Página disponível em [www.facebook.com/BJPenha](http://www.facebook.com/BJPenha). Acesso em: 13 jan. 2021.

<sup>5</sup> Página disponível em [www.facebook.com/groups/121449604595069/videos](http://www.facebook.com/groups/121449604595069/videos). Acesso em: 13 jan. 2021.

<sup>6</sup> Página disponível em [www.facebook.com/santambrogioroma](http://www.facebook.com/santambrogioroma). Acesso em: 13 jan. 2021.

<sup>7</sup> Página disponível em [www.facebook.com/parrucchiasanvigilioroma](http://www.facebook.com/parrucchiasanvigilioroma). Acesso em: 13 jan. 2021.



risco total do acidente, o efeito é o do sem sentido. A ideia é a de que no desgaste da repetição rotineira e no caos do acidente, o sujeito não tem condições de construir o sentido. Na manipulação, sujeitos e objetos *tem* um sentido que pode ser lido inteligivelmente, e no ajustamento, as coisas *fazem* sentido na própria interação, sensivelmente. Esses regimes são projetados num quadrado semiótico que Landowski transforma em uma elipse, marcando bem a posição de que os pontos não são estanques, mas dinâmicos.

No primeiro grupo dos tipos de estratégias usadas pelas paróquias, encontram-se aquelas em que os padres não consideram a presença de um fiel que assiste a missa pelas redes sociais. Pelo contrário, ele apenas segue a regularidade, tanto no rito quanto na frequência, e ignora a interação possível com o fiel espectador. Em alguns casos, a missa acontece para um público reduzido que está presente *na* igreja – um pequeno grupo de fiéis ou auxiliares. O padre celebra para o grupo e uma câmera apenas registra a cena como um *lá, distante*. Não há interação com o fiel das mídias. O padre não olha para a câmera e parece mesmo ignorar a presença dos equipamentos.

Para o fiel que está assistindo a missa pelas redes sociais, tais gestualidades repetidas à exaustão afastam a possibilidade de uma interação que produza o sentido em ato. Ele não é convocado a celebrar *junto* com o sacerdote, que apenas repete o programado, e seu papel temático de fiel é reduzido ao de espectador passivo. Em tais condições, é possível que o fiel não se envolva com a missa e não estabeleça nenhuma interação que o faça sentir esteticamente aquele ritual celebrado. Semioticamente, claro, não são pertinentes quaisquer reflexões sobre o fiel ontológico que assiste a missa pelas redes sociais. Interessa aqui esse fiel que é construído pelo próprio discurso. No caso das paróquias desse primeiro grupo, trata-se de um fiel esquecido, reduzido a assistente passivo. Nenhuma marca discursiva aponta para sua presença. Em muitas dessas paróquias, a missa foi toda transmitida por um único celular, posicionado frequentemente na vertical – e restringindo a visão do fiel que assiste o rito pelas redes sociais. Em outros momentos, o responsável pela transmissão seguia corporalmente as orientações do rito de sentar-se ou levantar-se, ou ainda mudava da posição do aparelho, o que fazia a imagem ficar na posição errada (Fig. 1). Além disso, em alguns casos, um membro participante daquele rito respondia às orações que eram feitas e, assim, sua voz era ouvida por todos que acompanhavam a missa pela internet. Esse tipo de transmissão descompromissada com o fiel internauta parece apenas preencher a sequência regular de uma programação sem sentido, nos termos pensados por Greimas (2002) e repropostos por Landowski (2014).



Fig. 1 – Captura de tela de uma celebração na qual observamos dificuldades relacionadas ao uso do aparelho de transmissão.

Em outro grupo de paróquias, a pressa para preencher a lacuna causada pelo fechamento das igrejas, somada ao improvisado e à falta de competências técnicas causaram uma série de acidentes ou de programações não bem executadas. Em uma das igrejas brasileiras, houve reclamação a respeito do som nos comentários da transmissão. Em outra, na hora da comunhão, ápice do rito no qual o fiel em casa poderia deixar-se contagiar ao visualizar alguém recebendo a hóstia presencialmente, o padre saiu da cena e a câmera ficou direcionada para o presbitério e altar vazios.

A necessidade de adaptar as celebrações diante da nova realidade imposta pelo coronavírus causou outras pequenas falhas acidentais, escapadas da programação diante de um *não saber fazer*. Na transmissão da missa da Ceia do Senhor, na quinta-feira santa, da Paróquia de São Brás, por exemplo, a procissão começa com a iluminação toda apagada. Apenas as luzes das velas servem de orientação para quem acompanha a transmissão, e a câmera segue o sacerdote, como se o fiel caminhasse junto. Uma aparente tentativa de aproximação revela-se problemática, pois com a ausência de luz, foco e enquadramento da imagem ficam comprometidos. Em alguns momentos não se vê praticamente nada (Fig. 2).





Fig. 2 – Captura de tela de uma celebração na qual observamos dificuldades na compreensão da imagem por conta da pouca luz no ambiente.

Em alguns momentos da celebração, é possível perceber de forma mais evidente as tentativas de estabelecer marcas de interações próprias de quando há presença física dos fiéis no templo. Na Paróquia São Brás, a certa altura da celebração, o padre solicita que os fiéis ergam as velas e que a comunidade cante, sem deixar claro, entretanto, a quem se refere – aos fiéis presentes fisicamente no templo ou aos que acompanham a missa pela internet.

Num segundo grupo dos tipos de estratégias usadas pelas paróquias, encontram-se aquelas que levaram em consideração a presença do público fiel que assiste a missa pelas redes sociais. Percebemos aí, a manifestação mais efetiva das estratégias de manipulação e maior probabilidade de sensibilizações a partir dos elementos cênicos e narrativos estabelecidos entre os sujeitos. É sobre isso que vamos tratar mais detalhadamente no próximo item.

### 3.2. Manipulação e ajustamento

Em primeiro lugar é importante ponderar que, assim como naquelas igrejas em que o público online atuou basicamente como espectador, nesse segundo conjunto, no qual ele é convocado a participar mais ativamente, as celebrações litúrgicas mantiveram-se, na grande maioria, com seus ritos próprios. A equipe de canto, por exemplo, assumiu o "papel" do público nas respostas da assembleia durante o rito.

Notadamente, percebe-se que a sensibilização do público está diretamente ligada ao grau de competência técnica que os sujeitos responsáveis pela transmissão possuem. Ao analisarmos, a partir da perspectiva sincrética do objeto o conteúdo do vídeo da transmissão, observamos uma série de fatores destinados a promover uma sensibilização entre a ambiência criada e o público. Busca-se despertar nos sujeitos um *querer-sentir*, estabelecendo um modo de presença fruto do conjunto de experiências estéticas.

O uso mais intenso de recursividades técnicas que são marcas tipicamente da transmissão televisiva, como a alternância das imagens para permitir ao público diversos ângulos do rito, efeitos de afastamento e aproximação da cena, identificação dos momentos por meio do verbal na tela (gerador

de caracteres), cuidado com áudio captado, entre outros, possibilitam ao fiel internauta vivenciar de maneira mais intensa aqueles momentos (Fig. 3).



Fig. 3 – Captura de tela de uma celebração na qual observamos o uso das recursividades técnicas durante a transmissão.

A diversidade dos recursos técnicos permite ainda que determinados momentos da celebração sejam convertidos quase que em espetáculos, o que os torna, sem dúvida, capazes de “capturar” com mais eficiência a atenção do público que acompanha tudo remotamente. Na Paróquia São Rafael Arcanjo, durante a celebração da Vigília Pascal, no momento em que a imagem do Cristo é apresentada, foi necessário o planejamento que envolvia um grande aparato: a imagem é suspensa por um conjunto de cabos, enquanto um jogo de luzes coloridas somadas ao canto marcam o momento. O público em casa tinha ao seu dispor, ainda, três ângulos de observação do momento (Fig. 4).



Fig. 4 – Captura de tela de uma celebração na qual observamos o uso de elementos cênicos durante a transmissão.

De maneira geral e genérica, o padre tem grande respeito na sociedade. Pela crença dos que partilham a fé pregada pela Igreja Católica, o padre partilha a missão do próprio Jesus Cristo, que é, segundo essa mesma crença, sacerdote, profeta e rei. Ele aconselha, orienta, ouve confissões, transmite todo conhecimento bíblico e é detentor de grande respeito junto ao público, o que faz dele um sujeito



manipulador por excelência. O que diz e como diz tem grande relevância para quem ouve e crê. Por isso, a imagem do sacerdote é importante para os processos de manipulação, pela inteligibilidade, de um lado, ou de ajustamento, pela sensibilidade de outro. Nesse conjunto de transmissões, o público que acompanha a missa pelas redes sociais a todo momento é chamado a atuar com o sacerdote. Em diversos momentos, ele olha diretamente para a câmera, em um ângulo mais fechado que instala uma relação eu-tu, “olho no olho”. Em outros, ele refere-se diretamente ao público questionando-o sobre a temática abordada na explicação das leituras bíblicas do dia (Fig. 5).



Fig. 5 – Captura de tela de uma celebração na qual observamos que o sacerdote dirige sua fala diretamente para o público que acompanha a transmissão.

Neste momento, queremos destacar as estratégias transmitidas que permitiam que a audiência pudesse participar de suas casas. As famílias foram orientadas a participar repetindo alguns atos e gestos e, desta forma, mesmo distante fisicamente, pudessem viver a liturgia de cada celebração mais ativamente.

Durante a celebração da cruz, por exemplo, na sexta-feira santa, no momento em que o crucifixo é descoberto, foi orientado que o público se colocasse de joelhos, aproximasse um crucifixo ao peito e estendesse mão em direção à imagem vista por meio da tela. Já durante o rito do Lava-pés, na quinta-feira santa, foram colocadas cadeiras com fotos de membros da paróquia local, idosos que estavam impossibilitados de estarem ali representando todos aqueles que acompanhavam a celebração. A quem estava em casa, foi pedido que estendesse a perna enquanto o diácono deixava cair dentro da bacia água benta, figurativizando o rito de lavagem dos pés dos fiéis (Fig. 6).



Fig. 6 – Captura de tela de uma celebração na qual durante a celebração do lava-pés observamos a figurativização do rito para o público que acompanha a transmissão.

Entretanto, apesar de todas estratégias e tentativas de sensibilização buscando trazer o espectador de “lá” para um “aqui”, algumas marcas discursivas deixam claro que o rito acontece num tempo excepcional e que a compreensão da validade do que se é celebrado gera controversa, como observado na celebração do Domingo de Ramos. Na Paróquia São Brás, foi informado que a benção dos ramos era “válida” apenas para os ramos que estavam na igreja e que em um outro momento haveria uma benção presencial. Já na Paróquia São Rafael Arcanjo, foi dirigida uma benção específica para os ramos do público que acompanhava a celebração, ou seja, tinha validade litúrgica.

Um outro momento que revela essa excepcionalidade acontece no final das celebrações. É costume o celebrante, na saudação de despedida, dizer “ide em paz e que o Senhor vos abençoe”, o que poderia



gerar questionamento do fiel como “ir para onde” diante do quadro de pandemia na qual a recomendação é ficar em casa. Em algumas das celebrações que acompanhamos, foi observado um cuidado de alterar a expressão para “fique em paz e que o Senhor vos abençoe”.

#### 4. Conclusões

Ao refletirmos semioticamente sobre as novas reconfigurações do espaço a partir das restrições de circulação impostas pelo novo coronavírus, é possível nos aproximarmos de um debate que se impõe nos dias atuais, mesmo fora do âmbito da pandemia – a efetividade da presença remota, que se projeta a partir da participação cada vez mais crescente das pessoas nas redes sociais. No caso das experiências religiosas, tal problemática ganha contornos ainda mais polêmicos, sobretudo em religiões como a do cristianismo católico, em que a presença física é condição fundamental e necessária para que se tenha uma vivência da fé completa. Por mais que estratégias enunciativas – *astúcias* no dizer de Fiorin (1999) – possibilitem a projeção de uma sensibilidade que mobiliza o fiel que acompanha uma missa pela internet, é inegável a limitação de alcance de tais estratégias.

Concretamente, a experiência dos sacramentos, sobretudo o da Eucaristia, é irreproduzível remotamente. Presencialmente, o momento da comunhão é o ponto alto da celebração da missa – é o momento em que a divindade de Jesus Cristo se personifica no pão e no vinho consagrados e se integra com cada fiel. Por maiores que sejam os aparatos técnicos, uma missa transmitida não pode veicular tal experiência, que só é vivida no espaço da igreja, face a face com um padre.

No entanto, a impossibilidade de receber fiéis nos templos, que em algumas cidades foram fechados em sua totalidade, forçou a Igreja Católica a repensar seus modos de estar presente no mundo digital. E por mais que o passo para o reconhecimento de que tais missas veiculadas possam vir a substituir a necessidade da participação *real* esteja longe dos planos, é impossível não reconhecer a importância dessa abertura que a Igreja vinha fazendo já desde que começou a transmitir a missa pelo rádio, se desenvolveu quando as celebrações chegaram à TV e agora, com as redes sociais e especialmente com a pandemia, ganhou grande relevância.

Como se viu, de modo geral as celebrações litúrgicas mantiveram-se, na grande maioria dos casos, seus ritos próprios. Seguiram, mesmo sem a participação do povo (fisicamente) com a liturgia regular. Houve pequenas adaptações dentro do próprio rito, com a inclusão de elementos que ajudaram a criar efeitos de sentido de presença mais efetiva, como a colocação de fotos dos paroquianos, da pintura do lava-pés etc., mas que não interferiram na essência da liturgia. É certo que tais mudanças no ordenamento das interações sociais, impõem desafios de reflexão a semioticistas, que precisam encontrar as condições discursivas que forjam os novos sentidos nos novos espaços de mídia e presença.



## Bibliografia

- Brustolin, L., 2012, “Eucaristia na era digital: a questão da presença e da participação”, in *Telecomunicação*, n.42, 2.
- Fechine, Y., 2008, *Televisão e presença. Uma abordagem semiótica da transmissão direta*, São Paulo, Estação das Letras e Cores-CPS.
- Fiorin, J.L., 1999, *As astúcias da enunciação*, São Paulo, Editora Ática.
- Fiorin, J.L., 2014, “Prefácio”, in *Interações arriscadas* (2005), São Paulo, Estação das Letras e Cores/CPS.
- Floch, J. M., 1995, *Petites Mythologies de l’œil et de l’esprit*, Paris-Amsterdam, Hadès-Benjamin.
- Greimas, A., *Da Imperfeição* (1987), São Paulo, Hacker, 2002.
- Greimas, A., Courtés, J., 1986, *Sémiotique. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage II*, Paris, Hachette.
- Landowski, E., 2002, *Presenças do outro* (1997), São Paulo, Perspectiva.
- Landowski, E., 2004, *Passions sans nom*, Paris, P.U.F.
- Landowski, E., 2005, *Além ou aquém das estratégias, a presença contagiosa*, São Paulo, Edições CPS.
- Landowski, E., 2008, “La politique-spectacle revisitée: manipuler par contagion”, in *Versus*, 107.
- Landowski, E., 2014, *Interações arriscadas* (2005), São Paulo, Estação das Letras e Cores/CPS.
- Landowski, E., 2019, *Antes da interação, a ligação* (2009), São Paulo, Edições CPS.
- Oliveira, A. C., 2013, “As interações discursivas”, in id. (org.), *As interações sensíveis*, São Paulo, Estação das Letras e Cores-CPS.